

ilustrada

FOLHA DE S. PAULO

SABADO, 6 DE ABRIL DE 2024 C1

Marinheiro só

Autor de 'Assassinos da Lua das Flores', David Grann conta o que o desastre de um navio do Império britânico revela sobre a maneira de nações escreverem sua história no livro 'Os Naufragos do Wager'

Walter Porto

são pouca. Muitos homens morreram na água. Outros desfilharam com escuridão, sentindo seus ossos suando. Uma doença até ali obscura e misteriosa. Outros desmontaram de fome, após comerem de algas e ratonhas, de carne podre até seus próprios sapatos. Poucos sobreviveram para contar a história. Mas qual história era essa? De repente, depois dessa guerra contra os elementos,

eles tiveram de travar uma guerra pela verdade", diz o americano David Grann, responsável por relatar essa trama em 'Os Naufragos do Wager'. "Porque se esses homens não contarem uma história convincente, poderiam ser enforcados por seus crimes". Essa é uma história verdadeira — e uma história sobre como a verdade é criada. Pode parecer que esse caso ocorreu há quase 300 anos, sobre os tripulantes de um navio britânico que se destrói e le-

xa seus marinheiros ilhados e famélicos na costa do Chile, não tem nada a ver conosco. Mas com atenção se notam lições valiosas de filosofia política — afinal, o que é a lealdade a uma bandeira ou a um capitão numa situação excepcional, como um naufrágio? — e de como se moldam os livros e enciclopédias oficiais. E como se testemunhamos a quem, naquele chavão que diz que "a história é escrita pelos vencedores".

Continua na pág. C5

Pintura de Cyriac Allard para a capa de 'Os Naufragos do Wager' — *imagens*

